

A existente inexistência da comunicação do significado de dor em Wittgenstein

*Diocélia Moura da Silva*¹

RESUMO

O presente ensaio baseia-se na teoria dos significados dos nomes, nos jogos de linguagem e na inexistência da linguagem privada, proposta pelo filósofo da linguagem Wittgenstein. Suas manifestações mais significativas no assunto podem ser encontradas em suas obras: *Tractatus Logico-Philosophicus* (1993) e *Investigações Filosóficas* (1999). Pretende-se com este escrito discutir a impossibilidade da existência da linguagem privada e conseqüentemente da comunicação do significado da dor, justamente por ser um exemplo típico de linguagem privada. Para uma boa execução da temática, buscar-se-á reconstruir a teoria dos significados dos nomes proposta pelo filósofo no *Tractatus Logico-Philosophicus*, assim como a evolução e a possível ruptura dessa teoria nas *Investigações Filosóficas*. Serão oferecidos três argumentos que Wittgenstein formula na obra *investigação filosófica* (1999) para inviabilizar a existência de uma linguagem privada. O presente artigo trabalha com a hipótese de que se não é possível uma linguagem privada, também não é possível a comunicação do significado de dor, visto que o que existe sobre esse significado é a sua inexistência enquanto linguagem e enquanto valor epistêmico.

PALAVRAS-CHAVE

Nomes; Significados; Coisas; Linguagem privada; Dor.

¹ Diocélia Moura da Silva é graduada em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio grande do Sul, Brasil. Atualmente é Mestranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: dioceliamoura@gmail.com.

THE EXISTING NON-EXISTENCE OF THE COMMUNICATION OF THE MEANING OF PAIN IN WITTGENSTEIN

ABSTRACT

The present essay is based on the theory of the meaning of names, on language games and on the non-existence of the private language, proposed by the philosopher of the language Wittgenstein whose content we find in his works *Tractatus Logico-Philosophicus* (1993) and *Philosophical Investigations* (1999). The aim of this paper is to discuss the impossibility of the existence of a private language and consequently, the impossibility of communicating the meaning of pain as an example of private language. In order to deal with this theme, we will try to reconstruct the theory of the meaning of names proposed by the philosopher Wittgenstein in the *Tractatus Logico-Philosophicus* and the evolution, or perhaps, the rupture of this theory in *Philosophical Investigations*, pointing out the three main arguments that Wittgenstein formulates in the work *Philosophical Investigations* (1999) to make the existence of the private language impossible. We work with the hypothesis that if a private language is not possible, it is also not possible to communicate the meaning of pain, so what exists about this meaning is its non-existence as a language and with epistemic value..

KEYWORDS

Names; Meanings; Things; Private language; Ache.

Introdução

O ser humano é um ser linguístico. A linguagem é uma especificidade humana para dizer o mundo, ela diz e penetra no próprio ser humano, pois este não é impermeável. Tudo o que é encontrado na realidade do mundo pode ser comunicado pela linguagem. Wittgenstein defende no *Tractatus* (1993), a partir da Teoria Figurativa da Proposição, que as proposições têm sentido quando são representativas da realidade, ou seja, são figurações da realidade. Essas figurações só são possíveis de ser comunicadas se os nomes combinados na proposição remetem aos objetos, fatos, combinações de coisas existentes no mundo. No entanto, não é tão simples compartilhar e comunicar significados para os nomes, palavras ou signos, os quais formam as proposições, pois os significados dos nomes estão em jogos de contextos e ocasiões. Essa constatação é uma das premissas que serão trabalhadas nas *Investigações Filosóficas* (1999) de Wittgenstein anos após a publicação do *Tractatus*. Para o autor, nessa última obra, jogamos com a linguagem para significar as palavras, portanto, um nome não está preso restritamente à coisa ou objeto, o qual ele substituiu na proposição. Além disso, o significado do nome está no seu uso.

Se partirmos do pressuposto de que todas as coisas que existem e que formam a realidade do mundo têm nomes e que os significados desses nomes vão se estabelecer em lances no jogo de linguagem, então, como ficam as manifestações mentais e sentimentais, uma vez que não se pode dizer que são coisas, que não são figurativas do que encontramos na realidade? Seria impossível definir os seus usos no jogo de linguagem? O significado de dor pode ser comunicado? Pode-se dizer que a dor existe e que possui significado? Se sentimos dor podemos então dizer que ela existe? A dor de uma pessoa existe para o outra? Podemos comunicar a nossa dor pela linguagem? Podemos figurar a imagem da dor? Por que o que está dentro de nós não pode ser comunicado, nem pensado pelos outros?

É com base nessas provocações que o presente ensaio, de natureza qualitativa, objetiva discutir a possibilidade de a dor não existir enquanto algo que tem significado comunicável e epistêmico e que se possa comunicar pela linguagem. Para lidar com essa problemática pretende-se, nas linhas que se seguem, reconstruir a teoria dos significados dos nomes do filósofo Wittgenstein presente no *Tractatus Logico-Philosophicus*, e sua evolução ou mudança nas *Investigações Filosóficas*. Para finalizar, pretendemos apontar os três principais argumentos que Wittgenstein formula nesta última

obra, a partir dos quais advoga contra a existência da linguagem privada, o que inviabiliza a existência da dor como uma possível linguagem.

Todas as coisas têm nome?

No seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein (1993) defende uma visão agostiniana do significado dos nomes, em que cada nome com significado está relacionado com as coisas no mundo. Para o autor, o mundo (o ser) e a linguagem (pensar) têm as mesmas possibilidades lógicas e tudo o que é encontrado no mundo é também possível na linguagem, assim como tudo que é significativo na linguagem é possível no mundo. Além de tratar dessa estrutura do mundo e da linguagem, Wittgenstein (1993) aponta ainda que há uma conexão entre a linguagem e mundo, na medida em que no mundo temos os fatos que são a combinação de coisas, ou seja, “o mundo é determinado pelos fatos” (WITTGENSTEIN, 1993, p. 135). Na linguagem temos proposições com sentido que são combinações de nomes com significados. Conforme o filósofo pondera, as coisas sozinhas estão fora do mundo, assim como os nomes sozinhos, sem significados, estão fora da linguagem (WITTGENSTEIN, 1993). Como, então, é possível provar que as coisas existem? Wittgenstein responde essa questão apontando a existência dos nomes, ou em suas palavras, “o nome significa o objeto. O objeto é o seu significado” (1993, p. 151).

O significado de um nome não é encontrado no dicionário, porque neste uma palavra vai nos remeter a outra palavra, e essa outra palavra remete a outra e assim por diante. Por isso, o significado de um nome são as coisas as quais ele, o nome, substitui na proposição. E como provar isso? Pela definição ostensiva que é o processo de ligar o nome à coisa, processo esse que garante a figuração.

A figuração é o processo em que a figura de algo passa em nossas mentes quando lemos uma proposição com sentido. Esse processo de ligação entre o nome e a coisa acontece na mente no momento em que, diante da proposição que tem sentido, figuramos a imagem do fato (WITTGENSTEIN, 1993). A teoria da figuração para Wittgenstein (1993, p. 152-153) compreende que os nomes com significados estão para as coisas existentes no mundo, assim como as coisas existentes estão para os nomes com significados e a existência de um nome com significado prova a existência da coisa. Toda essa ligação de nomes às coisas acontece na mente.

Para melhor entender esse pensamento, pode-se analisar a proposição “no sofá tem um gato de botas”. Pela definição ostensiva, cada nome que está combinado nesta proposição nos remete às coisas, que combinadas, formam o fato. Se a proposição tem sentido, então é constituída de nomes com significados, ou seja, se é figurativa da realidade e pode ter valor de verdade ou de falsidade, então a figura dessa proposição se exhibe na mente perfeitamente. Assim, se pode pensar na imagem dos nomes gato, bota e sofá, que combinados formam o fato. A existência dessa figura na mente, assim como a possibilidade de pensar a figura quando nos deparamos com a proposição, prova que o fato também pode acontecer.

A teoria da figuração remete à ideia de que para cada nome existente tem-se uma coisa que corresponde ao nome, isto é, como uma coisa que represente esse nome no mundo. Para Wittgenstein (1993, p. 151) “o nome significa o objeto. O objeto é o seu significado”, quando dizemos ou escrevemos uma proposição, utilizamos signos ou símbolos, “sinais simples” que são os nomes, combinados formam a proposição. Esses nomes representam as coisas que, combinadas como na proposição formam os fatos no mundo, desta forma a “figuração é um fato” (WITTGENSTEIN, 1993, p. 143), a figuração representa a realidade.

Os nomes ou os signos ganham significação na medida em que representam os objetos. E essa correspondência ou ligação se dá pela forma lógica que os nomes e as coisas têm para poder ser ligados. Entretanto, Wittgenstein (1993) compreende que essa forma lógica não pode ser dita pela linguagem, porque ela é a inteligibilidade da linguagem, ou seja, é o seu fundamento. E esse fundamento não pode ser dito pelo o que é fundamentado, pois, a forma lógica que permite figurar um fato diante da proposição é mental, se exhibe apenas na mente, como conclui Wittgenstein (1993, p. 179-180) “a proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição. O que se espelha na linguagem, esta não pode representar. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe”. Não podemos dizer a forma lógica, apenas mostrar, pois “o que pode ser mostrado não pode ser dito”.

Com essa definição, Wittgenstein defende que o significado dos nomes é patrocinado pela mente. Portanto, a linguagem é decidida na mente e no pensamento, assim a conexão dos nomes às coisas é perfeita. Quando se diz um nome que não é possível de se pensar e figurar a sua imagem, se deve ao fato desse nome não ter significado, ou seja, não pode ser falado, pois faz parte do “não ser” que não pode ser

pensado e “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar” (Wittgenstein, 1993, p. 179). Essa conclusão inviabiliza a possibilidade de palavras que não remetem a coisas concretas, tais como ‘alma’, ‘liberdade’, ‘Deus’, de terem significados.

Após escrever o *Tractatus*, Wittgenstein fica um tempo sem escrever obras filosóficas, uma vez que ele mesmo diz ter solucionado todos os problemas da filosofia, pois os nomes pelos quais os filósofos tratavam eram proposições absurdas, justamente por serem formadas de nomes sem significados. Todavia, anos depois, Wittgenstein retorna à filosofia e realiza um conjunto de revisões acerca de suas posições no *Tractatus* as quais reforçam as premissas sobre a inexistência da comunicação do significado de dor, como veremos a seguir na próxima seção.

Jogando com os nomes e significados: o significado do nome está no seu lance

Na obra *Investigações Filosóficas* (1999), o filósofo da linguagem volta a filosofar trazendo uma nova visão da teoria dos significados. O pano de fundo ainda se estabelece na ideia de que todos os nomes remetem a objetos existentes, porém, a partir das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1999, p. 14) vai defender que isso não garante o significado dos nomes. Para o autor, Santo Agostinho descreve um sistema de comunicação, porém, esse sistema não é tudo aquilo que chamamos de linguagem.

Sob essa perspectiva, não basta remeter um nome a uma coisa se não se souber jogar com esse significado, porque é no lance do jogo que se define o significado dos nomes. No entendimento de Wittgenstein (1999), os nomes ganham significados dentro de um jogo de linguagem, por exemplo, em um jogo de xadrez. Neste caso, pouco importa saber apontar a peça do jogo a qual o mesmo se dá na teoria dos significados dos nomes, na medida em que o que está em questão é saber jogar com o nome, a coisa e o significado. Para saber jogar temos regras, pois dependendo do contexto do jogo, os significados dos nomes podem mudar e um signo pode adquirir outro significado, porque o significado depende do lance dado. Além disso, esse lance será submetido a critérios de correção dados pela comunicação.

A visão agostiniana do significado do nome é reavaliada e reformulada. Para o filósofo, a compreensão de que o significado do nome que se dá pela definição ostensiva não abrange toda a complexidade da linguagem. Embora seja útil e não esteja errada, está,

todavia, inconclusa. Reformulando a visão agostiniana, o filósofo conclui que o significado do nome está em um jogo de contextos, ocasião, cultura, tempo, e se voltarmos no exemplo do jogo de xadrez, veremos que as regras do jogo de xadrez valem apenas na ocasião e contexto desse jogo, se o jogo muda as regras também mudam.

Os nomes podem adquirir vários significados dependendo dos lances, dependendo do seu uso no jogo de linguagem. Se voltarmos para o exemplo da proposição dada no tópico anterior deste texto para explicar a teoria da figuração (No sofá há um gato de botas), pode-se identificar a existência de uma ambiguidade, pois não sabemos se o signo “gato” na proposição se refere a um animal felino ou remete a um homem bonito que popularmente em alguns contextos também é chamado de gato. Outros exemplos de ambiguidade podem existir em muitas situações, então não é sempre que se tem um nome referindo-se à um único objeto. No caso do exemplo anterior, para dar significado à palavra “gato”, precisamos determinar em que contexto o nome gato é pronunciado. Está acontecendo, portanto, um jogo com essa mesma palavra ou signo, mas que, não é na mente que vai acontecer a ligação do nome à coisa, e sim no contexto e tempo em que se é jogado. Portanto, depende do lance com o significado e a palavra, depende das regras, do contexto, da ocasião. Logo, a inteligibilidade da linguagem não é interna. Ou seja, a ligação do nome e a coisa não se dá em uma espécie de mentalismo, mas antes, se dá nos jogos de linguagem, nos lances dentro de um jogo comunicativo. Um fator importante a se destacar na ideia do lance no jogo de linguagem é que o significado dos nomes nunca seja construído sem a comunicação em certo contexto de diálogo, certa cultura, certo tempo.

A impossibilidade da existência da linguagem privada e a inexistência da comunicação do significado da dor

Tudo o que foi discutido até aqui é, de certo modo, propedêutico para pensarmos agora neste tópico sobre a inviabilidade da linguagem privada e a impossibilidade de comunicar, pela linguagem, o significado do nome dor, pois “dor” é um nome que não corresponde a um objeto, e mesmo no jogo de linguagem com as variações contextuais em que o nome é ligado ao objeto, isso não é possível. A palavra dor estaria associada a uma espécie de linguagem privada, em que apenas quem sente a dor pode dar significado para ela, no entanto, essa forma não pode existir enquanto linguagem, pois tudo o que é linguagem é comunicativo.

A linguagem privada é uma suposta linguagem formada por nomes, cujo significado apenas aquele que faz uso dela pode ter acesso. Em outras palavras, é uma linguagem inacessível para o outro e na qual é dado significado aos fenômenos mentais e demais manifestações, tais como sentimentos, sensações ou estado de espírito, que estão dentro de nós. Desse modo, conforme Faustino (1995), a linguagem privada a qual Wittgenstein reporta a sua crítica não está vinculada a nada além das manifestações mentais do seu único usuário. Desta forma, a função dessa linguagem seria se referir, portanto, exclusivamente às sensações, dar significados a essas sensações. Nas palavras de Wittgenstein (1999, p.104): “linguagem privada poder-se-ia chamar sons que ninguém mais compreende, mas que eu pareço compreender”.

A existência de uma linguagem com essas características não se sustenta porque não há possibilidade de nomearmos e significamos as sensações e manifestações internas e também não há como elas serem comunicadas, por isso não se tem possibilidade de ser uma linguagem. Como vimos nos tópicos anteriores, no entender de Wittgenstein, na obra *Investigações Filosóficas*, a ideia de o significado se dar na mente não se sustenta mais. O problema está na visão agostiniana de linguagem, a qual propõe que o significado se assentar em um ato mental, ou seja, na defesa de que é na mente que se realiza a ligação do nome a sua respectiva coisa a qual o substitui na proposição. Nessas circunstâncias, a teoria do significado dos nomes que tem raízes em Santo Agostinho, seria problemática. Embora seja certo que os nomes remetam às coisas existentes no mundo, são os lances desses significados que determinam, todavia, essa conexão e não mais a mente.

Levando em consideração essa reformulação da teoria dos significados dos nomes, consideramos também que um nome não está estritamente ligado a uma coisa. Isso nos comunica que, o que não se sustenta é a visão de que para cada nome exista um objeto ou coisa correspondente, pois podemos jogar com as palavras e nesses jogos elas podem ter significados diversos dependendo de como elas são usadas nos lances dentro do contexto em que elas são inseridas.

O significado não é garantido por um ato mental, mas se dá em circunstâncias externas, na comunicação. A linguagem privada fica inviabilizada, porque ela não consegue ganhar significado nem na comunicação e, na verdade, nem quem pensa que a tem pode significá-la. Essa, portanto, “é uma ficção proveniente de uma concepção equivocada da gramática das proposições psicológicas na primeira pessoa do singular” (FAUSTINO, 1995, p. 40). Uma ficção não é real, portanto, não existe.

Wittgenstein, nas Investigações Filosóficas, repousa a sua reflexão em argumentos. Desses argumentos três são os principais para nos convencer sobre a impossibilidade de dar significados às nossas sensações internas. Primeiramente, o filósofo argumenta que é inviável considerar sensações internas como objetos, pois objetos são concretos, isto é, podemos vê-los e apontá-los. Sensações, pelo contrário, não podem ser pegadas na mão, não podem ser emprestadas, nem se pode apontar para elas. As sensações e manifestações internas não podem ser separadas de quem as tem. Não sendo as manifestações mentais objeto, não podem, portanto, ter significados na linguagem, então, não podem existir como linguagem.

O segundo argumento, que contradiz a existência da linguagem privada, sustenta Wittgenstein (1999), consiste na inviabilidade de submeter o uso gramatical desses supostos objetos (sensações internas) às regras de correção. No jogo de linguagem, regras adequam o lance ao jogo, isso equivale a dizer que existem regras para adequar o significado com a palavra e ao contexto. Se as regras não corresponderem ao lance, então fica inviabilizado o significado. Para viabilizá-lo é preciso submeter o uso gramatical da palavra às regras de correção e, isso é feito mediante a comunicação com os outros, pois, são os outros que vão apontar se o lance dado no jogo de linguagem se adequa ou não na jogada. Em uma suposta linguagem privada, não há quem possa apontar se o lance corresponde ou não ao jogo, pois, uma vez que, se existisse uma linguagem privada, só a pessoa que a tem pode saber o significado dos nomes dados nessa linguagem. Portanto, não há como outras pessoas acessarem ou sentirem a mesma sensação, assim, não há como sondar os significados de uma linguagem privada. Logo, apenas quem sente as sensações ou fenômenos mentais pode apontá-las ou classificá-las como iguais ou diferentes, ou ainda, se condizem ou não com as regras dos jogos de linguagem. Na verdade, nem isso é possível, porque quem sente uma dor pode apenas supor que ela tenha intensidade, diferenças ou semelhanças, mas não se pode provar, porque é necessário colocar uma diante da outra e analisar, mas elas não são concretas para fazer isso.

Conforme Wittgenstein (1999) pondera, inexistem critérios de correção intersubjetivos. Sem esses não podemos distinguir se seguimos as regras ou temos a impressão de que as seguimos. Então, se poderia ter a impressão de que a dor pode ser nomeada e significada e de que se trata de algo semelhante a 'sinto dor de dente', logo, dor de dente é o nome da minha dor, todavia, será que sabemos mesmo o que é dor de dente? O que significa sentir dor de dente? Como provamos que ela pode ser a mais

intensa de todas dores? Como comunicar o significado de uma dor, de um sentimento para o outro? Como dizer com palavras exatamente o que estamos a sentir? Podemos compreender a dor de dente do outro e significá-la da mesma forma? Em resumo, uma linguagem privada não existe, porque ela mesmo se contradiz, pois se ela se considera privada, então, não pode se linguagem, porque os nomes na linguagem adquirem significados pela comunicação com os outros.

No terceiro argumento, Wittgenstein (1999) aponta a impossibilidade de se considerar as proposições que contenham nomes de significação interna como bipolares (com sentido). Conforme essa premissa, quando colocamos nas proposições as palavras para designar significação interna caímos em algo incompreensível, pois as proposições bipolares precisam poder ser verdadeiras ou falsas, mas uma manifestação mental como a dor, saudade, não tem como dizer que ela é falsa ou verdadeira.

Se de acordo com esses três argumentos considerarmos que linguagem privada não existe enquanto linguagem, logo, a comunicação do significado da dor, enquanto um exemplo dessa linguagem, também não existe enquanto algo que tem valor comunicável e epistêmico. A dor é um fenômeno mental que não é concreto, apenas sentimos. Se pensamos pelo primeiro argumento de Wittgenstein, concluímos que a dor não pode ser um objeto, não se pode dizer, portanto, que determinado sujeito tem uma dor, porque para dizer que se tem algo, esse algo tem que existir sem nós. Para existir independentemente de nós tem que ser um objeto. E a dor não pode ser separada da pessoa que a sente, não se pode apontar, olhar ou pegar a dor como algo concreto e fora da pessoa que a sente. Desse modo, a dor não pode ser nomeada como objeto e nem mentalmente por uma definição ostensiva interna isso pode acontecer. Não podemos submeter o uso gramatical da dor a regras de correção, por exemplo, se digo que a minha dor de cabeça está mais forte hoje do que ontem, não há possibilidade de uma outra pessoa analisar esta dor e a contrapor colocando-a frente a frente e obter conclusões. Comparamos, assim, nossas dores com nossas próprias experiências de dores. Para Wittgenstein (1999), supostamente seguimos critérios para essa comparação, mas na verdade, não há critério algum. Se o outro não pode sondar as dores de uma pessoa, não há forma de contrapor uma dor com a outra, nem colocar ou significar as dores nas regras como em um jogo de linguagem, pois nessas circunstâncias, joga-se com a palavra e julga-se que o lance foi feito, fez-se o uso do nome, na comparação entre uma dor e outra, dou-lhe o nome de X acreditando que se estou seguindo regras, regras as quais supõem que a dor de ontem é a mesma de hoje,

então por achar semelhança na dor X de ontem nomeio a dor de hoje como X também; mas na verdade essa crença é uma ilusão.

É impossível considerar as proposições, em suas manifestações internas, como verdadeiras e falsas. É incompreensível perguntar-me: Será verdade que estou a sentir dor? Para ser bipolar, preciso negatizar a proposição. A dor é, para quem a sente, uma sensação, quando não há sentimento de dor, não é porque há dor ali e não se sabe, é porque simplesmente não há dor alguma. Com efeito, seria ininteligível dizer que estou sentido uma falsa dor. Dessa forma, uma proposição formada por signos que supostamente remeteriam a uma manifestação mental não poderia ser aberta para o verdadeiro e o falso, pois torna-se confusa, contraditória e paradoxal. Não é possível dizer que se sente uma dor que não dói, mas que está ali. Existe apenas a inexistência da possibilidade de comunicar nossas dores. Isso não quer dizer que a dor não exista enquanto um sentimento, a dor é uma parte do ser humano, a dor é “eu”, somente não é um objeto.

Considerações finais

O problema norteador desse ensaio resume-se na pergunta sobre a possível inexistência de se poder dizer/comunicar para os outros o significado da dor, tomando como referencial teórico os escritos da filosofia da linguagem de Wittgenstein, principalmente suas obras *Tractatus Logico-Philosophicus* (1993) e *Investigações Filosóficas* (1999). As considerações que chegamos é que pela linguagem se vive vários mundos. E esses mundos são todos construídos por jogos feitos com as palavras e significados. O mundo que se constrói em um jogo de linguagem não é de uma pessoa, não foi construído mentalmente ou privado, foi construído em um jogo e esse jogo foi jogado em público, por isso é preciso ser submetido às regras do lance, mas daqui a pouco o jogo muda, e muda o lance, muda o objeto ao qual o nome se refere. O significado do nome está no seu uso no jogo de linguagem. Os significados dos nomes remetem às coisas existentes, mas essa conexão não se dá na mente, mas sim, na adequação do lance ao jogo. De certo modo, o significado da dor no *Tractatus Logico-Philosophicus* seria um nome sem significação que não remete a nenhum objeto e que formaria, portanto, uma proposição absurda, que já não existia e que não se poderia falar sobre o significado dela. Nas *Investigações Filosóficas*, a ausência do significado da dor é reforçada com a teoria de que uma linguagem privada não existe, a linguagem privada é uma suposta linguagem que

dá significação aos sentimentos e manifestações internas, mas como a linguagem se dá em termos comunicativos não seria possível ela ser privada. Provando a sua inviabilidade como linguagem, o significado da dor como exemplo dela não existe. Pois, se não se pode tocar e apontar, nem dar significado a uma dor, então, a dor é uma ficção, ela é inexistente para o outro e até para quem a sente: ela não pode ser tocada, não pode ser vista, ela não é pensada, porque apenas se manifesta, e esta manifestação é insondável e não pode ser comunicada, talvez se identifique o que causa dor, mas não ela em si mesma, pois ela não pode ser objetificada pelo fato de não poder ser separada de quem a sente. Logo, a dor não existe, a dor na verdade sou eu o que existe sobre o significado da dor, por consequência da inviabilidade de uma linguagem privada, é a sua inexistência enquanto valor epistêmico e linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUSTINO, Silvia. Uma ficção gramatical chamada linguagem privada. In: Wittgenstein - O eu e sua gramática. São Paulo: Ática, 1995.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. Tradução de José Carlos Bruni. São

Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. Tractatus Logico-Philosophicus. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.